

DE APOSTAS, PROMESSAS E SONHOS: ALGUNS PROJETOS INTERROMPIDOS E FACILITADOS DE FUTEBOLISTAS NÃO-CÉLEBRES

Caroline Soares de Almeida¹

Mariane da Silva Pisani²

Luciano Jahnecka³

Resumo: Ao tentar colocar em um lugar comum trajetórias de mulheres e homens assinalamos algumas condições de ingresso e permanência em uma carreira feita por meio do futebol. Através do conceito de “projeto de vida” conferimos alguns significados para “sonhos”, “apostas” e algumas “promessas” com as quais futebolistas decidem sobre seus contratos optando por permanecer e, por vezes, desistir de jogar futebol. A reflexão feita neste texto tenta demonstrar como o futebol praticado por mulheres e homens em um determinado contexto histórico revela as condições dissonantes pelas quais algumas trajetórias lidam com as celebridades contemporâneas e refazem assim sua relação com a fama e o reconhecimento, em suma, com o poder.

Palavras-chave: Projeto de vida; fama; reconhecimento profissional; futebol; infame.

GAMBLING, PROMISES AND DREAMS: SOME INTERRUPTED AND FACILITATED PROJECTS OF NON-FAMOUS FOOTBALLERS

Abstract: By trying to put in a common place some trajectories of women and men, we point out conditions of entry and permanence in a career made through the football. Using the concept of “life project” we emphasize some meanings of “dreams”, “bets” and “promises” which some footballers choose to remain, and some times, give up to play football. The reflection in this paper attempts to demonstrate how the football played by women and men in a given historical context exposes dissonant conditions under which some trajectories deals with contemporary celebrities and, in a certain way, remake their relationship with fame and recognition, in sum, with power.

Keywords: Life project; fame; professional recognition; football; infamous.

¹Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Antropologia Audio-visual. Pesquisadora Instituto Brasil Plural. E-mail: almeidacarol@yahoo.com

²Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo. Núcleo de Estudos Marcadores Sociais da Diferença. Pesquisadora Instituto Brasil Plural. marianepisani@gmail.com

³Doutorando no Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Antropologia Audio-visual. Pesquisador Instituto Brasil Plural. Bolsista CNPq. jahnecka@ibest.com.br

Notas introdutórias

Ao historicizar o reconhecimento e a celebração de personagens importantes ao longo de certos períodos Georges Minois⁴ adjetiva como o tempo da *cacofônia* o momento contemporâneo no qual existem múltiplas referências ao que reconhecemos enquanto celebridades. Nestes tempos cacofônicos caracterizados pela pulverização de referências coletivas ocupam lugar de reconhecimento, entre outros nomes, os de jogadores de futebol. Zinedine Zidane, Ronaldo Nazário, Lionel Messi, são alguns exemplos que permeiam o reconhecimento público do que é ser célebre na virada para o século XXI⁵.

Nomeadamente não-célebres (ou ainda infames, porém dignos de alguma celebração), durante o texto baseamo-nos nas trajetórias de futebolistas (homens e mulheres) que compartilham uma condição de anônimato sendo permeados por “promessas” de concretização profissional a partir do futebol, pela busca por “sonhos” sejam estes materiais ou não, e que constantemente atuam em condições de risco e investimento “apostando” naquilo que consideram melhores condições de vida.

Não por acaso reunimos em um mesmo texto futebolistas mulheres e homens. Com isso afirmamos que existem condições de possibilidade em comum no exercício desta prática (jogar futebol em um determinado contexto), como por exemplo, manter uma carreira e “sair” para outros países conforme afirmam. Através de elementos empíricos (entrevistas, reportagens de revistas e outras fontes de três pesquisas etnográficas) supomos a existência de condições de possibilidade distintas nas trajetórias de mulheres e homens, assim como as diferentes trajetórias entre homens e entre mulheres. Sendo assim, não buscamos tornar regra através de uma pretensa representatividade no que diz respeito a uma condição não-famosa que caracteriza tais jogadoras/es de futebol.

⁴ Para mais, ver: MINOIS, Georges. *Histoire de la célébrité: Les trompettes de la renommée*. Paris: Perrin, 2012.

⁵ Aqui utilizamos alguns exemplos de homens futebolistas famosos de escala planetária, porém ainda é possível inferir que algumas mulheres sejam amplamente conhecidas, principalmente em contextos nacionais, como o caso da jogadora Marta no Brasil.

Com este texto pretendemos mapear algumas condições de ingresso e permanência de algumas futebolistas em uma carreira comumente tão prestigiada pela qual é possível colocar-se neste lugar de reconhecimento em instituições que fazem circular dinheiro, pessoas, ideias, produtos e desejos, os clubes de futebol. Ainda que ao longo do texto demarcamos algumas distinções entre a busca por reconhecimento profissional para homens e mulheres.

Para além de um reconhecimento público, o qual não é inexistente nos casos de pessoas pouco-conhecidas, no presente texto optamos por analisar a trajetória de futebolistas (homens e mulheres) e seus projetos de vida⁶ no que se refere ao ingresso e permanência em uma determinada prática, a de jogador/a de futebol.

Ainda à guisa de introdução, ao localizar o modo como algumas poucas personagens célebres são espetacularizadas e atuam na manutenção de uma única imagem que pretende reproduzir um futuro promissor e bem-sucedido através do futebol, evitamos cair em um denunciamento de que outros modos de “viver do futebol” são mais ou menos valiosos se comparados entre si. Até mesmo em uma mesma carreira. Todavia, o exercício da construção de uma imagem através das celebridades planetárias atua mobilizando um contingente considerável de “sonhadores” (muito superior se comparado ao de “sonhadoras”), somado ainda à uma intensa rede colaborativa para que o *ser-tornar-se* jogador/a se efetive, ou como elas e eles falam, “dê certo”.

Nesta rede encontramos de parentes a familiares, amigas/os e conhecidas/os, futebolistas ou não, empresários, funcionários dos clubes, diretores, entre outros encontros para que a profissionalização e a carreira se realizem. Rede de relações esta, afetada por uma certa conscientização coletiva do que é “ser jogador de futebol no Brasil” (ou cooperação, nos termos de

⁶ *Projeto de vida* será um conceito central para conferir significado às escolhas de nossas/nossos interlocutoras/es. Segundo Gilberto Velho (1994) este conceito pode ser entendido não somente pela racionalidade presente em determinadas escolhas mas a sua transformação mediante ao campo de possibilidades em um certo contexto cultural. Para mais: VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

Maurizio Lazzarato)⁷ e que está mediada *quase* exclusivamente por trocas econômicas.

Para a elaboração do presente texto nos baseamos e utilizamos a interlocução de pelo menos três pesquisas distintas ao ponto de mediar relações divergentes para a confecção de um documento único. Entre elas, aqui fizemos a opção de ora utilizar o nome, ora ocultar interlocutores/as, conforme o estabelecido entre as diferentes pesquisas e as relações de interlocução. Ainda que “sonhos”, “promessas” e “apostas” sejam diferentes nos muitos contextos e trajetórias de nossas/os interlocutores/as, as perguntas que este texto procura pormenorizar são as seguintes: como foi possível ser-tornar-se jogador/a de futebol? Quais foram as facilidades e as interrupções para este projeto de vida? Assim, passamos às condições de possibilidade de algumas trajetórias em meio ao futebol.

Ser-tornar-se jogador de futebol: um projeto familiar

“Eu jogava em escolinha e meu pai falou: ‘Tem essa peneira aqui para gente poder dar um passo maior, vamos ver até onde você chega, 72 mil é bastante’. Desses 72 mil, 72 seriam escolhidos, um jogador para cada mil. Eu fui escolhido, foi onde começou, tinha 14 anos”.⁸

Ainda que a assinatura de um contrato passe juridicamente a estabelecer um vínculo empregatício entre um jogador e um clube, este é apenas um dos pontos constantemente referenciados como o momento de ingresso na carreira. Como já se sabe, as “peneiras” são espaços importantes para acessar o contexto profissional no futebol praticado por homens. É através destas seleções envolvendo aqueles que avaliam (técnicos, olheiros, empresários) e inúmeros que são avaliados (jovens aspirantes a condição de profissional), onde são auferidos os potenciais individuais para atingir uma condição do que se imagina “ser” jogador de futebol.

⁷ LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Trad. Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

⁸ Trecho de entrevista realizada no dia 26 de setembro de 2013 com Bruno Andrade, futebolista de 24 anos e no momento da entrevista vinculado ao Willem II, clube situado nos Países Baixos.

Muitas são as histórias de vida que compartilham o início precoce em centros especializados para a produção de um capital corporal útil à prática do futebol. Aos 6, 7, 8 anos, muitos jovens (quase em sua maioria meninos) povoam estes centros referidos durante o trecho da entrevista como “escolinha”. A referência ao caráter de Educação Formal também pode ser comparada às muitas horas dedicadas quase que exclusivamente a um certo tipo de formação, onde, por meio destes espaços, famílias “investem” na possibilidade de garantir um futuro promissor mas não menos arriscado da profissionalização de jovens no futebol para “ver até onde você chega”.

No caso de nosso interlocutor, existe uma extensa e contínua preparação anterior ao momento de seleção por meio das “peneiras”, que não somente é praticada nas “escolinhas”, mas que se faz presente nos momentos recreativos fora destas, por exemplo, nos populares jogos virtuais de video-game (exercícios subjetivos de incorporação de um *ethos* em torno do futebol). Oriundos de famílias “pobres” e “ricas”, os investimentos familiares na concretização deste “sonho” de *ser-tornar-se* um jogador de futebol, passa por contingências afetivo-materiais pelas quais afirmam constantemente um projeto comum para a família⁹.

Após ingressar aos sete anos de idade em um regime de treinamentos voltado à incorporação deste capital útil à prática do futebol, nosso interlocutor é submetido ao referido processo de seleção que supera enormemente a concorrência para o ingresso nos cursos de Ensino Superior mais procurados do país.¹⁰ Vindo de camadas médias do interior de São Paulo, a decisão de

⁹ Partindo da categoria émica de “aposta”, principalmente suportada dentro do contexto familiar, assinalamos como uma condição de *tornar-se* um/a futebolista não só feita através da profissionalização, mas da incorporação de práticas (discursivas ou não) aceitas no contexto do “futebol profissional”. Reconhecer-se enquanto jogador/a de futebol também não diz respeito exclusivamente ao caráter contratual estabelecido entre futebolista e clube, pois durante entrevistas com as/os interlocutoras/es mesmo aquelas/es que já não mantêm vínculos empregatícios com clubes exaltam algumas passagens por clubes mantendo minimamente em seus discursos relações de pertencimento com esta condição. Tal condição oscila entre uma dimensão de “ser” imutável e do “tornar-se” reafirmada repetidas vezes em diferentes contextos. Assim, justificamos o emprego de “ser-tornar-se” um/a futebolista.

¹⁰ No ano de 2013 por exemplo, o curso de Ensino superior mais procurado dentro do sistema de seleção no Brasil não superou 16 mil inscrições, sendo que o número de vagas oferecidas pela Universidade no referido curso foi de 90. Dados divulgados pelo Ministério da Educação a partir das inscrições no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) no ano de 2013. Embora em anos anteriores o referido exame não constituísse a única forma de ingresso no Ensino Superior

realizar o “vestibular” foi abandonada após a seleção em uma das “peneiras” e posterior “interesse” de um clube italiano quando o futebolista estava com 16 anos de idade.

É através destas pequenas mostras de algumas possibilidades existentes para um projeto de vida que o “sonho” de ser-tornar-se jogador de futebol nem de longe passa exclusivamente por uma racionalidade que determinaria qual a melhor opção a tomar. Em vez disso, essa mesma racionalidade que “projeta” e se faz “promessa” para uma possível concretização de ser-torna-se jogador de futebol é re-negociada frente as dificuldades encontradas para aceitação nos clubes, assim como pelas necessidades familiares.

Ao analisar a circulação de jogadores brasileiros, muitos deles celebridades, Carmen Rial¹¹ faz referência ao suporte familiar para este ser-tornar-se jogador de futebol pautado pelo caçulismo, uma vez que muitos são os filhos caçulas da família desobrigados de contribuir com a renda familiar. Em condições bem distintas, é possível supor que o destino de Bruno Andrade não fosse a de um imediato ingresso no mercado de trabalho fora do futebol, pois, caso a profissionalização não se concretizasse, “os estudos” seriam a prioridade individual-familiar.

Muitas dessas trajetórias são atravessadas por contingências temporais que facilitam e/ou interrompem determinados projetos. Em especial, durante etnografia feita nos Países Baixos durante o ano de 2013 com jogadores brasileiros vinculados aos clubes do país, assim como o jogador citado, outros 9 jogadores atuantes nas duas ligas profissionais eram considerados cidadãos europeus por serem de famílias de migrantes italianos, ou ainda, pelo longo tempo de permanência e conseqüente nacionalidade holandesa, tendo assim

do país, a relação entre vagas oferecidas e inscrições para a seleção dificilmente se aproxima da procura por algumas das “peneiras” mais concorridas. Embora a “peneira” a qual Bruno se refira durante a entrevista tenha sido realizada há 8 anos atrás, é possível supor que não existe uma significativa diferença ao se comparar a procura e a oferta de vagas no Ensino superior naquele momento. Assim como é possível afirmar que a quantidade de jovens procurando as “peneiras” neste momento não tenha sido alterada consideravelmente. Ainda assim é necessário relativizar esta procura, pela imprecisão do número efetivo de “boleiros” sendo avaliados durante tal “peneira” e também a visibilidade dos clubes do Estado de São Paulo no contexto do “futebol profissional” que atraem muitos jovens para suas seleções.

¹¹ RIAL, Carmen. Rodar: a circulação de jogadores brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v.14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008

suas “entradas” e “circulações” facilitadas nos clubes¹². Bruno, por ser descendente de italianos e após a obtenção de sua cidadania, realiza sua transferência para um clube situado na Itália e tem o acesso facilitado a outros países pelos quais passaria depois de deixar o país. Posteriormente Bruno transferiu-se para clubes situados na Bélgica e Países Baixos, sendo que para este último país o jogador regressa no ano de 2013 após um período de 2 anos.

Referindo-se muito mais em termos de uma circulação do que propriamente uma migração, Carmen Rial¹³ infere que para além de cruzar fronteiras como tantos outros migrantes, os jogadores-celebridades brasileiros passam de um não-lugar a outro. Do clube para o hotel, para o aeroporto e, de tempos em tempos, aos shopping-centers. Neste grande espaço de consumo contemporâneo pelo qual podemos tratar os clubes de futebol, nas suas mais distintas escalas, a circulação de Bruno e consequente efetivação de outro “sonho”, em grande medida, foi possível pela intermediação de um empresário, qual seja, “jogar na Europa”.

O “sonho” de ser-tornar-se jogador de futebol não se limita a profissionalização, pois junto a isso vem a busca pelo mercado e pela circulação para um destino quase unânime, o “mercado europeu”. Arlei Damo¹⁴ chama de “circuito” aquilo que caracteriza a troca de jogadores no mercado, integrado ainda por bens simbólicos e bens materiais. Tal circuito é utilizado para analisar como se dá o processo de *comodificação* dos jogadores de futebol, ou seja, como eles foram sendo transformados em mercadorias, um objeto de consumo. A massiva circulação de jogadores brasileiros em clubes do futebol europeu não só é um resultado do grande contingente mobilizado de jovens e da

¹² Em consonância com a legislação vigente para o futebol profissional organizado pela União Européia de Futebol (UEFA), os clubes situados nos Países Baixos, assim como de tantas outras ligas na “Europa”, obedecem um limite de contratação de jogadores “estrangeiros” ou “não-europeus”. Um dos marcos para esta regularização foi o caso Bosman, no ano de 1995, onde desde então limitou-se a quantidades de jogadores “estrangeiros”. No que se refere a regularização da cidadania, a legislação dos Países Baixos estabelece o prazo de 5 anos de permanência no país para que seja possível solicitar o pedido de cidadania. Sobre os processos de cidadania e nacionalidade para jogadores de futebol, consultar: DA SILVA, Daniel Vidinha; RIGO, Luiz Carlos; FREITAS, Gustavo da Silva. Considerações sobre a migração, a naturalização e a dupla cidadania de jogadores de futebol. *Revista de Educação Física/UEM*, Maringá, v. 23, n. 3, p. 457-468, 3. trim. 2012.

¹³ RIAL, op. cit.

¹⁴ DAMO, Arlei Sander. The training of football players in Brazil. *Vibrant*, Brasília, v.6, n.2, p.29-49, jul./dez. 2009.

maquinaria envolvida no processo de exportação desses commodities, como também diz respeito aquilo que está constituído este “sonho” de ser-tornar-se jogador.

Assim, diante deste “circuito”, estas categorias se misturam ao mesmo tempo sendo consumidoras e consumidas. Não raro, como já referimos, a construção de uma imagem deste “sonho” está associada ao glamour midiático e portanto mediada por uma relação na qual “bens simbólicos” e “bens materiais” também são colocados como a imagem do jogador tem de si e de sua carreira. Este *ser-tornar-se* ao qual nos referimos passa pela forma com que parte dos “sonhos” foram sendo investidos e transformados; em formas de ser-tornar-se a partir de uma relação com aquilo que se imagina o que se é, vinculado a um desejo, e ainda a uma concretização irrealizável que se transforma a medida que as condições para acessar estes “sonhos” são colocadas em funcionamento.

Ao confrontar-se com as possibilidades para dar continuidade aos “sonhos” por ora facilitadas, ora interrompidas, Bruno ao ser considerado cidadão italiano permite-se fazer com que a circulação tão aguardada por muitos fosse efetivada. Contudo, para isso não pode contar com o entourage familiar nos países de seu destino, condições bem distintas dos jogadores-celebridade pois estes são acompanhados por familiares, secretários, entre outros.

Se os “sonhos” são refeitos em meio as condições para sua realização, ou aos *campos de possibilidade* como refere-se Gilberto Velho¹⁵ aos projetos, colocar dessa forma a trajetória de Bruno e de outros futebolistas significa afirmar que mais do que “ser” jogador de futebol por um determinado período esta condição é exercida para tornar-se. Daí justificamos o uso deste *ser-tornar-se* pois afinal Bruno também consome os seus “sonhos” refazendo-os ao longo de sua carreira, circulando e decidindo sobre sua trajetória.

¹⁵ VELHO, op.cit.

Jogadoras de futebol da década de 1980: a busca pelo reconhecimento

Mas pra isso que está acontecendo, Marta, isso que está acontecendo aí. Teve um início, minha filha. Teve uma briga. Teve uma luta.¹⁶

Ao contrário de muitos “sonhos” já estabelecidos para o contexto do futebol praticado por homens, mesmo tendo em vista os distintos contextos históricos, a “luta” exposta acima por uma jogadora da década de 1980 faz referencia a trajetória histórica do futebol praticado por mulheres no decorrer do século XX no Brasil¹⁷. A regulamentação desse jogo para as mulheres em 1983 não pôs fim a ideia de luta. Através da Deliberação 01/83, o Conselho Nacional de Desportos, entre outras regras, estabeleceu que o tempo da partida seria de 70 minutos com intervalos de 15 a 20 minutos. Além disso, ressaltou que as atletas não poderiam trocar de camisas com as adversárias após uma partida¹⁸. No entanto, faltava ainda uma profissionalização, um reconhecimento dessa modalidade segundo as interlocutoras.

Carmen Rial¹⁹ afirma que, na atualidade, a presença das mulheres no futebol fez com que este esporte perdesse seu caráter de gênero, deixando de ser marca de masculinidade. Entretanto, quando nos transportamos para o início dessa presença, quando há um recomeço no início da década de 1980, essa fronteira entre um futebol de características masculinas e femininas parece ser bem mais demarcada. Isto porque estamos falando de um período em que o futebol está consolidado como parte da identidade nacional, porém, uma identidade construída a partir de uma norma masculinizadora.

¹⁶ Trecho de entrevista com uma das interlocutoras, jogadora do Esporte Clube Radar durante a década de 1980. Neste trecho referência feita à Marta Vieira da Silva, escolhida cinco vezes a melhor futebolista do mundo pela FIFA.

¹⁷ Referente ao trabalho de campo de uma das autoras realizado em junho de 2012 no Rio de Janeiro com ex-jogadoras do Esporte Clube Radar, equipe carioca referência no futebol praticado por mulheres durante a década de 1980 sendo seis vezes campeã da Taça Brasil de Futebol Feminino, além de ter representado o país em torneios internacionais.

¹⁸ Essa última regra se deve ao episódio ocorrido no Morumbi durante um jogo de futebol de mulheres realizado durante I Festival Internacional das Mulheres na Arte, quando a organizadora do evento, Ruth Escobar, trocou de camisa com uma das jogadoras da seleção paulista.

¹⁹ RIAL, Carmen. “Rúgbi e Judô: esporte e masculinidade”. In: GROSSI, M. e PEDRO, Joana M. (orgs). *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

Por sua vez, Judith Butler (2003, p.9) problematiza as *regulações de gênero* a partir de uma heterossexualidade compulsória e atribui um papel importante à linguagem na produção da construção das “categorias fundacionais de sexo, gênero e desejo”²⁰. Fazendo uma analogia com a prática do futebol, podemos dizer que o esporte foi ao longo do Século XX “masculinizado” não apenas no Brasil mas também em outros países²¹. No país, como já se sabe, as leis proibitivas em 1942 e 1965 ajudaram a reforçar esse processo performativo já que ajudaram a legitimar uma espécie de “ordem” considerada natural ao permitir uma dominação masculina dentro de campo.

Somado a isso, Carmen Rial(2013, p.116)²² sugere que mesmo ao se atribuir uma certa invisibilidade ao futebol praticado por mulheres não as torna menos obrigada a serem comparadas aos resultados e performarces das seleções nacionais do futebol praticado por homens. Entre as interlocutoras que praticaram este futebol durante a década de 1980 fica evidenciado durante seus relatos não somente a tentativa de comparação com a prática de futebol por homens no que se refere ao reconhecimento profissional, mas também a obtenção de um status e privilégios conferidos ao voleibol. Ademais, constantemente o futebol de mulheres é remetido ao reconhecimento e a organização como as que são exercidas nos Estados Unidos e alguns países da Europa.

Pensar a trajetória das jogadoras de futebol durante a década de 1980 nos remete a uma busca por um certo reconhecimento. No entanto, este não aparece apenas na ideia de tornarem-se celebridades, de abandonarem a condição também referida aqui de “infame”, ou “não-famosa”. Nas narrativas das jogadoras do Esporte Clube Radar (daqui em diante apenas Radar)²³, o reconhecimento acabava mostrando-se em estágios de relações sociais ainda

²⁰ BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: _____. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

²¹ As proibições ocorreram em parte da Europa, após um período de ascensão do futebol “feminino” que coincidiu com a I Guerra Mundial e o ingresso massivo de mulheres em esferas públicas.

²² RIAL, Carmen. El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 248, nov-dez, p. 114-126, 2013.

²³ Com sede no bairro de Copacabana, cidade do Rio de Janeiro, o Esporte Clube Radar representou durante a década de 1980 o principal clube do país: foi hexacampeão da Taça Brasil de Futebol Feminino, campeão do Torneio Brasileiro de Clubes em 1989, além de representar a Seleção Brasileira no mesmo ano em Campeonato Mundial.

porvir. Essa rede de relações é mais bem explicada a partir da história de vida e do papel social conferido pelas próprias jogadoras. Isso corrobora com a ideia de *projeto* e *metamorfose* pensada por Gilberto Velho²⁴. A *metamorfose* é aduzida no sentido de “mudança individual dentro e a partir de um quadro sociocultural”²⁵. O autor percebeu que os movimentos de contracultura auxiliaram no processo de *apresentação de um novo eu*²⁶. Dessa forma, atribui à sociedade urbana contemporânea a tendência de constituir identidades a partir de um intenso *jogo de papéis sociais* que são adaptados a experiências e a níveis de realidade diversificados, podendo ou não apresentar conflitos ou contradições.

Diante das narrativas de algumas jogadoras de futebol brasileiras da época, podemos associar o reconhecimento a um *projeto* a ser alcançado. Esse projeto, não obstante, é subdividido em estágios a serem alcançados partindo de uma nova apresentação do *self* baseado em novas posturas de luta – *metamorfose*.

O reconhecimento do futebol de mulheres, segundo essas jogadoras do Radar, gera uma linha mais ou menos progressiva que culminaria em um estágio ideal: dispor de uma retribuição econômica estável, ter um “calendário” onde seria possível manter-se em atividade durante o ano, adquirir certa visibilidade pela qual seria possível a manutenção de um público de apoiadores do esporte e receber acolhimento familiar estão entre esses ideais. Ao contrário dos futebolistas brasileiros que têm seus projetos de carreira apoiados pela família desde meninos, como já referido, bem como de parte das jogadoras brasileiras na atualidade²⁷, as “boleiras” do Radar, em grande parte, tinham um projeto individual na medida que muitas não foram incentivadas por suas famílias para a continuidade da prática. Entre as jogadoras que atuaram na década de 1980 no Radar, a maioria relatou que a família não oferecia qualquer suporte para

²⁴ VELHO, op.cit.

²⁵ Idem, p. 7.

²⁶ Para tanto, Gilberto Velho utiliza da ideia de Erving Goffman de *presentation of self*.

²⁷ Referente ao estudo etnográfico feito com as jogadoras do Foz Cataratas. Ver: PISANI, Mariane da Silva. *Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol*. 2012. 166 f. Dissertação (Antropologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

carreira, o que fez com que começassem mais tardiamente a “levar a sério” o futebol²⁸. O incentivo afetivo-material da família, quando recebido, aconteceu nos momentos nos quais já se destacavam em campo, no entanto, restringia-se mais a presença dos membros da família aos jogos do que algum auxílio financeiro. Sua iniciação, oscilava entre aquelas que já praticavam outros esportes durante a adolescência e aquelas que começaram a jogar com irmãos, primos e amigos.

Com relação as condições materiais para a continuidade da prática no Radar, muitas jogadoras trabalhavam em outras atividades além do futebol, principalmente aquelas que possuíam formação acadêmica, sendo que o sentimento de inexistência de um profissionalismo em tal prática fez com que algumas delas procurassem recursos “fora do gramado”:

A pessoa também tem que ter uma cultura e parar de estudar nunca foi uma boa porque essas meninas logo para frente pararam de jogar. Carreira encerra e não ganha dinheiro. Não ganhavam dinheiro e depois ter que retomar os estudos, e eu dizia: estudem gente, porque futebol feminino é uma brincadeira hoje. É um sonho, mas é uma brincadeira. Não é profissional, não vai. A não ser uma ou outra que saia, mas ninguém saía naquela época. Uma ou outra.²⁹

Aqui, cabe a discussão do que seria profissionalismo para essas jogadoras de futebol. O “ser” profissional está contido na forma de receber compensações pecuniárias pela permanência no clube a ponto de não precisar de outra ocupação remunerada. Em grande medida, o profissionalismo no futebol praticado por mulheres esteve contido também na possibilidade de adquirir bens de consumo, comprar imóveis, “ajudar” materialmente familiares apenas através desta prática. Sobre o tema, a reportagem “As Invencíveis” da revista *Placar*³⁰, destaca como a “ponta-de-lança”³¹ Pelezinha viveu através do futebol como a única chance de um “futuro financeiro mais seguro”, já que

²⁸ Idem. Pisani também questiona a forma tardia como as mulheres ingressam no futebol. No entanto, seus argumentos apontam para a falta de escolinhas destinadas à formação exclusiva de jogadoras.

²⁹ Fragmento de entrevista com o relato de uma ex-jogadora do Radar. Sua prática enquanto futebolista foi entre os anos de 1979 e 1996.

³⁰ ARAÚJO, Maria Helena. Revista *Placar*. “As invencíveis”, 1 de fevereiro de 1985. p. 26-28.

³¹ A “pontas-de-lanças” se refere a ocupação espacial e o cumprimento de certas funções durante o jogo por determinada jogadora. É considerada uma posição de “ataque” e normalmente empregada nas disposições espaciais conhecidas por “sistemas táticos”, especificamente no “4-3-3”.

havia parado com a educação formal ainda no “primário”, assim “apostava” na profissionalização do esporte.

Dentre as mulheres entrevistadas, somente uma das interlocutoras, apesar de ser formada em Direito e Artes Dramáticas, afirmou ter vivido apenas do futebol. Porém, apesar da iniciativa referida pela jogadora de inserção da profissionalização do futebol de mulheres na Constituição de 1988, apenas em 1998, com a Lei Pelé³² pode-se perceber um movimento mais amplo em prol da profissionalização do esporte no Brasil. Em 1993, a Lei Zico já sugeria regras à profissionalização do futebol, mas foi a Lei Pelé que apresentou caráter impositivo.

Assim como entre as jogadoras, é possível estabelecer uma relação com a questão do profissionalismo no futebol praticado por mulheres a partir de alguns meios de comunicação. Como afirma a reportagem: “Meg mora com duas amigas em Copacabana é professora de educação física e não vive do futebol. Tem a esperança de que, com a chegada do profissionalismo, isso possa acontecer. Enquanto isso ela treina com a dedicação de um profissional”³³. Assim, os relatos de jogadoras e de alguns (poucos) meios de comunicação constantemente salientaram a necessidade de uma legislação própria ao profissionalismo do futebol praticado por mulheres no Brasil e com isso uma modificação com relação às compensações pecuniárias tão importantes para a sustentação de um projeto também coletivo.

Ao romper com certas impossibilidades, novas concepções são introduzidas, tendo, por sua vez, a invenção de novas condições de possibilidade. Tratam-se de modificações que não se limitam às possibilidades individuais, mas que passaram por projeto/alcance, luta/metamorfose, reconhecimento, novas formas de relações sociais, indo ao encontro do que Jean Williams chamou de *macroprofissionalismo*, estágio atual do futebol de mulheres na Europa³⁴.

³² A Lei Pelé instituiu normas gerais ao desporto brasileiro baseadas na Constituição Federal.

³³ ARAÚJO, op.cit.. p. 28.

³⁴ Jean Williams periodizou a história do futebol jogado por mulheres em parte da Europa em: microprofissionalismo, mesoprofissionalismo e macroprofissionalismo. WILLIAMS, Jean. *Women's Football, Europe and Professionalization 1971-2011: Global Gendered Labor Markets*,

Como destacamos, o futebol praticado por mulheres foi cercado por proibições que fez com que as relações que suas praticantes mantivessem com a prática tivessem de ser reestabelecidas e retomadas em meio aquilo que lhes fora associada durante a aplicação de tais leis, muitas vezes lidando com estigmas e certos preconceitos. Tais dificuldades foram consideradas um signo de luta pela resistência de algumas mulheres contra limites impostos por uma suposta proteção que tornara proibida às mulheres a prática do futebol, fosse esta recreativa ou não. Conforme ressalta uma das interlocutoras:

A vida pra mim depois que eu comecei a liderar o futebol feminino foi muito cansativa porque eu enfrentei muita barreira, muito preconceito nos clubes. Mas, graças a Deus, eu consegui me impor. Consegui mostrar para as pessoas que futebol feminino era um esporte como qualquer outro, para mulheres³⁵.

Mesmo ao considerar o futebol como um símbolo de identidade nacional principalmente ligado a prática exercida por homens - não somente durante o período de retomada do “futebol feminino” -, essas mulheres e suas muitas “lutas” dão início a um processo longo e contínuo de reconhecimento para tornarem possível a existência de um projeto coletivo-individual ligadas a esta prática esportiva.

Formação e profissionalização de jogadoras: o futebol praticado por mulheres praticado atualmente

A minha família falava que eu era menina e que eu não podia jogar futebol, porque isso é coisa de menino. Meus irmãos me chamavam de 'maria-macho', mas eu continuei correndo atrás, porque eu gostava. Agora eles até entendem. (Trecho da entrevista concedida pela jogadora Nicole Grazielle de Araujo³⁶)

Eu comecei a jogar futebol na escolinha com meus irmãos, é que sou gêmea, gêmea com um menino. Colocaram meu irmão na escolinha e eu falei: 'ah também quero'. Porque era uma coisa nova. E meu pai também foi jogador de futebol. Minha mãe falou que não ia dar nada, que era só pra fazer uma atividade física, então tudo bem. Aí começou a escolinha e começaram aqueles

foomi-net Working Papers No. 1, 2011. Disponível em: <http://www.diasbola.com/PDF/foomi-os/WILLIAMS_Working%20Paper%20no%201.pdf> . Acessado em: 23 Dez. 2013.

³⁵ Trecho de entrevista com uma das interlocutoras relativo ao trabalho de campo com as jogadoras do Radar da década de 1980.

³⁶ A jogadora, com 12 anos quando concedeu a entrevista em maio de 2013, atuava no Centro Olímpico de Treino e Pesquisa, estado de São Paulo, Brasil.

campeonatinhos de escolinha. E eles [os meninos] reclamavam: ‘ah, eu não vou jogar contra menina, que menina é muito chorona, vai tomar bolada e vai chorar’. Tinha campeonatinho de federações e diziam: ‘não, não, porque não aceita menina, tem uma lei, uma regra, só menino pode jogar’. Ai minha mãe ia lá, conversava com o pessoal: ‘ah, eu queria vê-la jogar’. E eles diziam: ‘ah, tá bom, então você joga’. O nosso time ganhava sempre. Os pais reclamavam ‘não, mas menina não pode jogar! Porque meu filho ficou tomando ‘rolinho’ de menina, assim não dá’. (Trecho da entrevista concedida pela jogadora Paula Andressa Pires³⁷).

Eu considero o futebol profissional, apesar de ele ser amador no papel, eu ganho para fazer isso, eu saio de minha casa às oito da manhã, eu chego em casa às sete horas da noite, trabalho dois períodos por dia, então eu considero isso como uma profissão. Seria egoísta, deixa eu achar outra palavra, seria amadora em dizer que a profissão é amadora, porque eu luto pela profissionalização dela. (Trecho da entrevista concedida pela jogadora Marina Aggio³⁸).

Se para algumas mulheres das décadas de 1980 e 1990 existiu uma grande mobilização para a conquista de espaços profissionais no futebol, no momento atual, Nicole, de apenas 13 anos, é uma adolescente que está dando seus primeiros passos em direção à profissionalização esportiva no futebol praticado por mulheres. Ao enfrentar algumas negativas por parte de familiares em uma fase inicial daquilo que pode vir a se tornar uma carreira, ela afirma não ter esmorecido em seu desejo. Atualmente cursa o oitavo ano do ensino fundamental e “entra em campo” ao lado de outras meninas duas vezes por semana com o intuito de incorporar um capital que se exerce com a bola. O Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa, da cidade de São Paulo, oferece a ela, além dos treinos, acompanhamentos diários com fisioterapeutas e psicólogas especializados em desenvolvimento esportivo de alto rendimento. Nicole “sonha” em *ser-tornar-se* um dia uma “grande” jogadora de futebol.

A jogadora Paula, de 26 anos, relata que também passou por essa etapa inicial de inserção no contexto futebolístico. Diferentemente de Nicole, Paula, assim como outras jogadoras vivendo em um mesmo contexto histórico, precisou jogar entre os meninos. Durante muito tempo ela afirmou que jogar de

³⁷ A jogadora, que tinha 23 anos quando concedeu a entrevista em outubro de 2011, atuava no ADI/Foz Futebol Feminino, estado do Paraná, Brasil.

³⁸ A jogadora, que tinha 31 anos quando concedeu a entrevista em outubro de 2011, atuava no ADI/Foz Futebol Feminino, estado do Paraná, Brasil.

igual para igual – correr, driblar, bater, gritar - era a única forma de assegurar o seu espaço em campo. Dessa forma, antes que pudesse disputar campeonatos só de mulheres, Paula precisou, por diversas vezes, comprovar o seu valor esportivo diante de treinadores, colegas de time e comissões organizadoras. Diante de uma relativa importância no contexto do futebol praticado por mulheres, goza de certo reconhecimento pois já foi convocada para atuar na Seleção Brasileira de Futebol.

Marina, por sua vez, foi uma das jogadoras titulares da Seleção Brasileira. Atualmente, com 34 anos, encontra-se próximo do momento de interromper sua carreira no futebol, conforme destacou durante os contatos do trabalho de campo. Segundo sua própria referência para o momento inicial de sua carreira em meados da década de 1990, suas recordações são nuançadas por uma ênfase em muitos esforços tanto individuais quanto coletivos. De um lado, referiu-se a necessidade de sua afirmação enquanto jogadora de futebol, por outro, somado a tantas outras personagens do contexto do futebol nacional, ela “lutava”, e ainda “luta” através de sua prática, para que o futebol praticado por mulheres seja reconhecido como um trabalho, e que portanto, goze de direitos destinados a uma categoria profissional.

Ao verificar a permanência desta busca por reconhecimento que inicia com mulheres na década de 1980 e perpassa por muitos anos de invisibilidade é possível supor a existência de um projeto coletivo para tornar viável o futebol praticado por mulheres? Marina, assim como outras atletas, busca maior espaço para a consolidação da prática do futebol feito por mulheres no Brasil. Dessa forma ela “aposta” em um contexto mais favorável e menos hostil para jovens atletas, como Nicole, no que se refere a prática do futebol feita por mulheres e sua inserção no mercado indo em direção a *comodificação de si* próprias, busca por melhores condições de trabalho e de vida segundo afirmam. Além disso, conquistar novas referências e com isso modificar seus próprios projetos diante daquilo que esperam ao *serem-tornarem-se* jogadoras de futebol. Também, tendo como exemplos alguns lampejos de reconhecimento de algumas “sonhadoras que deram certo” elas alteram uma “norma masculinizante” que mantém uma referência àquilo que se imagina o futebol praticado por homens e mulheres.

Paira sobre o senso comum a ideia de que o futebol feito por essas e outras mulheres é uma prática esportiva amadora e que não se configura como uma profissão. Os argumentos que sustentam tal posição são recorrentes e provem de lugares variados. Alguns dos *profissionais*, dos *especialistas* e dos *torcedores*³⁹ do meio futebolístico declaram que o aparente descompromisso das atletas, a minúscula visibilidade midiática e os escassos investimentos financeiros são alguns dos elementos que limitam enormemente o alcance de alguns destes projetos de vida no que se refere a concretização profissional da modalidade. A falsa percepção que se tem sobre o amadorismo deste futebol faz com que o mesmo permaneça relegado a um segundo plano, seja no cenário desportivo, jornalístico ou acadêmico brasileiro⁴⁰.

Ao referirmo-nos à formação e profissionalização de jogadoras de futebol da última década, necessariamente tomamos em consideração os muitos processos das lutas e das conquistas adquiridas ao longo dos últimos 35 anos. Se até o ano de 1979 o futebol feminino no Brasil permanecera proibido por lei, conforme já referido, atualmente muitas daquelas se reconhecem enquanto “sonhadoras” podem exercer esta prática com muitas condições anteriormente negadas, inclusive, cogitar uma carreira esportiva na modalidade. Dessa forma, ao considerar o profissionalismo futebolístico enquanto um processo social em constante transformação⁴¹, não podemos supor que o futebol praticado por mulheres é um esporte amador. Afirmar o contrário significaria desqualificar o cotidiano das mulheres que atualmente atingiram uma condição pelas quais muitas outras buscaram e buscam e todo o histórico de busca por reconhecimento social travados não só durante a retomada do futebol praticado por mulheres, mas ao longo do século XX no que se refere a inserção da mulher no mercado de trabalho, entre tantas outras disputas.

³⁹ Especificamente categorias utilizadas no livro: TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec, 2002.

⁴⁰ Empiricamente, entre muitos outros exemplos, podemos aferir esse dado no *Centro de Referência do Futebol Brasileiro*, inaugurado em outubro de 2013 no Museu do Futebol. Apenas dois trabalhos sobre Futebol Feminino figuram em seu acervo, em contraposição aos inúmeros artigos, matérias esportivas, fotos e livros produzidos sobre o futebol praticado por homens.

⁴¹ DAMO, Arlei Sander. A dinâmica de gênero nos jogos de futebol a partir de uma etnografia. *Gênero*, Niterói, v. 7, n. 2, p. 137-152, 1. sem. 2007.

As jogadoras, na qualidade de atores sociais e através de suas escolhas – agência e intencionalidade –, determinam seu lugar no mundo. Contudo, segundo Sherry Ortner⁴², é impossível imaginar que o agente é livre ou que age sem restrições. Mesmo que elas escolham “livremente” serem jogadoras de futebol, atuam sobre certas condições de tempos em tempos. Tendo de lidar com muitos preconceitos relacionados ao fato de serem mulheres e de manter uma carreira profissional por meio do esporte (e ainda, do futebol), ainda hoje, recebem muitos adjetivos que são usados para desqualificá-las: “machonas”, “masculinas”, “sapatão”, entre outros. Dessa forma, acompanhar o processo de formação e profissionalização das mulheres boleiras é conviver diariamente com outros personagens que são, por vezes, determinantes nessa trajetória. Assim como no caso de homens na busca pela concretização da tão almejada carreira profissional, familiares, amigos/as, namorados/as e técnicos/as são algumas personagens que tensionam algumas relações com o poder desta prática esportiva, auxiliando nas escolhas profissionais, amenizando as “derrotas” e “aplaudindo” as “vitórias” e assim tornando possível o prosseguimento na carreira.

Como destacamos através das falas de Nicole e Paula, os familiares podem ser, por vezes, personagens centrais no processo de formação e profissionalização de uma jogadora de futebol. Se muitas jogadoras não levam adiante suas carreiras profissionais, mais do que a falta de oportunidades que o próprio campo esportivo apresenta, o apoio familiar - ou a ausência dele - mostra-se determinante na trajetória esportiva delas. De uma certa maneira, a insistência da mãe de Paula em poder ver sua filha participar dos jogos, faz com que Paula persista na prática e, se desejar, possa “sonhar” com uma carreira evitando assim uma precoce desistência. Já para Nicole, o primeiro entrave que foi preciso superar encontrava-se “dentro de casa”. Em seu caso, após a “aposta”, investimento e incentivo de um parente, as demais familiares passam a apoiar sua carreira. Ambas as jogadoras continuam atuando como atletas: Paula segue como jogadora profissional, agora no São José Esporte

⁴² ORTNER, Sherry B. Subjetividade e crítica cultural. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 375-405, jul./dez. 2007.

Clube; e Nicole continua seus treinos com pretensões profissionalizantes no Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa.

As redes de amizades e de afetos das jogadoras de futebol também se mostram muito relevantes na hora das escolhas e dos direcionamentos que elas dão para suas carreiras profissionais. É através da existência das redes informais que elas circulam dentro e fora do país, muito semelhante ao que acontece com nigerianas que atuam nos clubes Escandinávicos⁴³. Aos 20 anos de idade Paula recebeu uma proposta para jogar nos Estados Unidos. Uma amiga brasileira - também jogadora de futebol - indicou-a ao técnico estadunidense e esse, prontamente, convidou Paula à ingressar no time. Segundo a jogadora, a experiência de atuar no exterior é uma das mais importantes no que diz respeito a formação de uma jogadora de futebol, fazendo sua circulação para muitos outros mercados diferentes se comparados ao eurocentrismo de muitos homens. Marina acompanhou Marta até a Suécia (um dos destinos privilegiados segundos elas) onde essa havia sido contratada para “jogar bola”. Na qualidade de tutora, uma vez que Marta era menor de idade, Marina acabou recebendo, também, um convite para jogar. Vale ressaltar que a experiência internacional adquirida por essas e outras atletas é um aspecto levado em consideração, quando retornam ao Brasil, no momento de discutir salários e contratos com os clubes daqui.

Considerações finais

Ao longo do texto enfatizamos algumas condições de acesso para a constituição de algumas carreiras e da possibilidade da prática do futebol em um contexto muito particular. Algumas divergências radicalmente opostas no que se refere ao “projeto de vida” vem se transformando para algumas mulheres principalmente tendo em conta o suporte familiar que algumas delas

⁴³ ENGH, Mari Haugaa; AGERGAARD, Sine. Producing mobility through locality and visibility: Developing a transnational. *International Review for the Sociology of Sport*, published online 18 November 2013, DOI: 10.1177/1012690213509994. Disponível em: <<http://irs.sagepub.com/content/early/2013/11/07/1012690213509994>> , Acessado em: 04 jan. 2013.

passaram a receber nos últimos anos. Embora, ainda se mantenham distantes da visibilidade que almejam, mulheres e homens não-celebres vão refazendo seus projetos, seja “dentro” ou “fora” do futebol a partir de algumas condições colocadas por suas persistências e desistências, entre elas: a decisão de “sair” do país, as negociações de contrato, a busca pela educação formal para além do futebol, a manutenção dos clubes e a abertura de escolinhas para “elas”, o reconhecimento da viabilidade do futebol enquanto uma profissão, etc.

Tendo em vista a percepção de uma carreira baseada em trajetórias de sucesso de grandes celebridades do futebol mundial ou ainda, em menor escala entre as mulheres, em atletas consagrados de outras modalidades esportivas no país, homens e mulheres também tem seus projetos sustentados por parte do reconhecimento público do esporte ao longo do século XX.

Especialmente no Brasil, o futebol (nas suas mais diversas formas) ainda se mantém com grande visibilidade midiática e, principalmente, quando tratamos da prática feita por homens. Entretanto, mesmo para estes últimos as possibilidades para permanecer em uma carreira não são unânimes e, de certa forma, bastante desiguais. Diferenças também acentuadas quando mantemos a divisão binária no contexto do futebol “profissional”: de mulheres e de homens. Por um lado, uma organização bastante incipiente no que se refere à regularidade das competições e do funcionamento dos clubes. De outro, uma grande hierarquia entre os clubes para os homens fazendo que boa parte deles alternem períodos de desemprego e contratos de curtíssimo prazo. Condições estas que reforçam as desistências, algumas permanências e a transformação dos projetos mesmo sem muitas possibilidades de reconversão de um capital corporal investido ao longo de anos.

Quanto aos projetos individuais e coletivos pautados pelas diferenças de gênero, enquanto as mulheres ainda lutam para que toda a categoria saia de uma zona de “invisibilidade”, tornando assim viável os “sonhos” de muitas, os jovens boleiros vislumbram uma ascensão individual rumo ao circuito do “futebol europeu”, embora não se deva tratar isto como regra.

De acordo com Carmen Rial⁴⁴, o futebol no Brasil, enquanto profissão é altamente excludente. A autora afirma que, entre os homens, estima-se que de cada cem jogadores que disputam a categoria de juniores, apenas um atinja a categoria profissional. E desses, 90% receberão entre 1 e 4 salário mínimos. Sobre as mulheres, por enquanto não existem dados que detalhem esta condição. No entanto, em uma peneira realizada no Santos F.C., considerada a melhor equipe de mulheres do país em 2010, 1500 boleiras disputavam uma das 25 vagas do time. Os salários da categoria, usualmente, não ultrapassam àquele limite de quatro salários mínimos oferecidos aos jogadores. Mesmo assim, os discursos das jogadoras apresentados aqui apontam para um futuro mais promissor dentro do esporte, onde um modelo de profissionalização baseado num maior apoio financeiro, midiático, estrutural e social tornasse possível sua prática de maneira profissional não apenas sazonalmente.

Algumas mudanças vêm sinalizando uma possível modificação e reestruturação do futebol, pelo menos de algumas condições para o exercício da profissão. Conforme observou-se nos últimos meses, as recentes manifestações de um grupo de jogadores ficaram conhecidos por não manter nenhum tipo de vinculação institucional sendo reunidas sobre o signo de *Bom Senso Futebol Clube*. Muitos destes jogadores já com carreiras constituídas dentro do “futebol europeu” e regressos ao Brasil, colocam em pauta também as significativas distâncias entre as trajetórias de homens. Como se não fosse suficiente o questionamento de uma condição coletiva para o futebol dos homens (questões que as mulheres vem colocando insistentemente), parecem somar esforços com a permanente invisibilidade das mulheres. A jogadora da seleção brasileira Marta, recentemente manifestou seu interesse em incluir o futebol praticado por mulheres na pauta das reivindicações do *Bom Senso Futebol Clube*: "Não podemos cair no esquecimento, é um movimento

⁴⁴ RIAL, Carmen. “Porque todos os ‘rebeldes’ falam português”: a circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos na Europa, ontem e hoje. *Antropologia em primeira mão*. Florianópolis, PPGAS/UFSC, n. 110, p. 1-22, 2009.

interessante para fazermos nossas reivindicações e brigar um pouco mais por espaço dentro do país. Precisamos de mais apoio⁴⁵".

O movimento de jogadores de futebol foi criado no final de setembro de 2013 com os slogans "Convidamos a Todos por uma Revolução" e "Por um Futebol Melhor para Todos" e, conforme pode-se acompanhar, ganhou proporção durante as demais rodadas do Campeonato Brasileiro. O papel político assumido por esse grupo de jogadores⁴⁶ remete a outros episódios ocorridos dentro do futebol brasileiro, entre eles, a chamada Democracia Corinthiana e a histórica luta em prol de um profissionalismo dentro futebol praticado por mulheres pela Liga Brasileira de Futebol Feminino⁴⁷.

Não se sabe até que ponto tais reivindicações estabelecem diálogos com as insurgências coletivas que marcaram o país nos últimos meses, indicando uma nova forma de fazer política, qual seja, sem centro, fora de sindicatos, desinstitucionalizada e com reivindicações concretas e múltiplas, dada a terceirização do trabalho em muitos setores. Salta a vista, através de tais reivindicações, as diferentes condições de exercício de uma carreira entre os homens futebolistas e do alcance que estas trajetórias podem ter nos muitos homens e mulheres não-celebres, futebolistas ou não. Assim, reafirmamos a centralidade conferida a alguns futebolistas como uma entre tantas personagens potencialmente célebres.

Embora constituída por alguma identidade que se fez e se mantém como referência, estas contestações de alguns jogadores de futebol desestabilizam algumas instituições e seus agentes, bem como vem fazendo por longos anos muitas mulheres, futebolistas ou não. Se o futebol e suas muitas personagens ainda se constituem como projetos, em última instância, individuais, as novas formas de organização política vem indicando maneiras de alterar algumas

⁴⁵ RIZZO, Marcel. Marta pede ajuda ao Bom Senso por melhorias no futebol feminino. *Folha de São Paulo*, 13 de janeiro de 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/01/1396935-marta-pede-ajuda-ao-bom-senso-por-melhorias-no-futebol-feminino.shtml>> Acessado em: 13 Jan. 2014.

⁴⁶ De maneira mais destacada, alguns jogadores tem respondido por um movimento aparentemente sem líder. Entre outros jogadores que constituem o Bom Senso Futebol Clube, figuram Alex (Coritiba), Rogério Ceni (São Paulo) e Paulo André (Corinthians), ainda que, estes mesmos não se intitulem enquanto líderes.

⁴⁷ A Liga Brasileira de Futebol Feminino surgiu da Associação de Futebol Feminino do Estado do Rio de Janeiro em 1987 e começou a questionar as condições do futebol praticado por mulheres no país. Entre suas fundadoras está a ex-jogadora e técnica de futebol, Rose do Rio.

De apostas, promessas e sonhos: Alguns projetos interrompidos e facilitados de futebolistas não-célebres

| Jahnecka, Almeida & Pisani

relações que mantemos com a fama, o reconhecimento, em suma, com o poder. Como colocou uma de suas manifestantes durante as mobilizações de junho passado no Brasil: “anote aí, eu sou niguém”. Mas estas relações já são tema para um outro texto.

Recebido em 09.01.2014

Aprovado em 09.05.2014